



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

VIGOR, DINAMISMO E ESTABILIDADE ÀS INSTITUIÇÕES

DISCURSO PROFERIDO EM RIBEIRÃO PRETO, A 19 DE JUNHO DE 1969, AO RECEBER O TÍTULO DE «CIDADÃO HONORÁRIO», OUTORGADO PELA CÂMARA MUNICIPAL DAQUELA CIDADE PAULISTA.

Cidadão Honorário de Ribeirão Preto, por honrosa decisão dos representantes do povo deste Município, sinto-me à vontade para falar-vos em tão inesperada e dignificante condição. Há duas coisas que identificam o homem com sua terra; o amor que lhe vota e, como decorrência direta, o esforço que faz para melhorá-la.

Consulto minha consciência de brasileiro e sondo as profundidades psicológicas em que mergulham minhas raízes de família; e sem muita dificuldade justifico a ponta irresistível de orgulho que me tocou o espírito ao tomar conhecimento da vossa decisão. Gaúcho de Taquari, pequena cidade em que recolhi as primeiras lições de comportamento diante da realidade de nosso País, as contingências profissionais fizeram-me passar em São Paulo alguns dos anos mais importantes de minha vida, numa faixa de tempo em que a maturidade se completa ao impacto do meio ambiente e dele recebe os retoques definitivos, capazes de estratificar idéias até aí hesitantes e de cristalizar sentimentos que nos vão conduzir inelutavelmente pelo resto da existência.

Tendo vivido já a experiência desconcertante de outras regiões, em algumas das quais se poderia quase palpar, materialmente, a imagem de um Brasil imobilizado pela pobreza e possuído pelo desânimo de longos anos perdidos em sua contemplação, confirmei entre os paulistas a íntima certeza de que os brasileiros saíram da estagnação e do conformismo para levar a todos os quadrantes o espírito de progresso que aqui senti animando os indivíduos e transformando as cidades.

Aprendi a amar a terra paulista, pelo que ela representava de antecipação providencial ao futuro do Brasil. Elevado à mais alta Magistratura do País, estou certo, hoje, de que daí provêm as energias que

reúno para conduzir o esforço nacional, que a partir de 1964 mobiliza os brasileiros para vencer as desigualdades regionais e dotar nossas instituições de uma infra-estrutura econômico-social capaz de dar-lhes vigor, dinamismo e estabilidade.

Ora, quem ama São Paulo há de amar esta Cidade, reduto do espírito pioneiro do grande Estado, cuja opulência de certo modo teve aqui o seu mais ativo e previdente centro de irradiação, desde que para cá se transferiu a cultura do café «Bourbon», introduzido pelo sábio Luiz Pereira Barreto, que se antecipara em Resende, com pesquisas pacientes e bem sucedidas, à aplicação dos recursos da ciência nas atividades da Agricultura. As grandes fazendas que em consequência foram organizadas, atraindo pela fertilidade surpreendente de suas terras famílias inteiras que se deslocaram de localidades vizinhas, revelaram desde logo uma larga disponibilidade de homens de ampla visão administrativa, dentre os quais não se poderia deixar de destacar Henrique Dumont, pai de uma das maiores glórias do Brasil, uma das figuras que iriam enriquecer o patrimônio da Humanidade, abrindo-lhe uma nova era: Alberto Santos Dumont.

É verdadeiramente emocionante abrir-se hoje o livro pertinazmente escrito por um cidadão inglês. Peter Wykeham, que nada tinha a ver com o nosso País e se apaixonou pelo gênio do brasileiro Alberto, lá encontrando o nome de Ribeirão Preto intimamente ligado a uma das mais fascinantes aventuras do espírito humano. Lá não se estampa somente, como sugere no título o escritor, «O Retrato de uma Obsessão», mas a imagem viril de todo um povo que nasceu para grandes feitos e para um grande lugar na História. O pai do homem que deu asas à Humanidade, como proclamou a manchete de um jornal parisiense, encarnara aqui o espírito de vanguarda de São Paulo, construindo em sua propriedade — a Fazenda Dumont — uma estrada de ferro, casas de máquinas, depósitos para a sua extraordinária produção de café, áreas de secagem, pátios de manobras e casas de colonos. E mais: previu o fim do trabalho servil e antecipou-se à abolição, mandando vir da Europa, à sua custa, famílias italianas, para substituir os escravos por europeus assalariados.

Por uma dessas coincidências felizes e expressivas, São Sebastião do Ribeirão Preto alcançou a categoria de cidade no mesmo ano em que o Brasil, já havendo apagado a nódoa da Escravidão, avançou para superar o regime monárquico e consagrar, com a República, o princípio dignificante do auto-governo e da liberdade, ao qual permaneceremos fiéis e no qual nos inspiraremos sempre para atingir a escala de grandeza que nos foi indicada por Deus e por nossos antepassados.

A mesma providência revelada por Henrique Dumont continuou orientando os ribeirepretanos, que não dormiram sobre os louros conquistados com o café e diversificaram a tempo sua economia, introduzindo-lhe a pecuária, multiplicando o número dos produtos

agrícolas e logo chegando ao estágio industrial, em que se equipara aos centros mais adiantados do Brasil. Ao mesmo tempo, construiu-se uma importante rede de ensino, que abrange todos os níveis e atrai, com sua notável Faculdade de Medicina, moços de outros pontos do Estado e do País.

Não procuro fazer História — o que seria inócuo diante de vós, que tão bem conheceis a crônica de vossa cidade — mas indico esses poucos elementos para justificar o orgulho com que recebo o título que vossa generosidade me outorgou.

Agora já posso referir-me a Ribeirão Preto não apenas como «a vossa», mas como «a nossa cidade». E quero retribuir tão alta homenagem com palavras de um paulista insigne: «Eu desta glória só fico contente, porque minha terra amei e minha gente.